

O que as palavras cantam?

Tiago Teixeira Ferreira

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IAUNESP

tiagot_clarinetista@hotmail.com



Resumo: A palavra falada é uma fonte primária de som e a música tem como matéria-prima o som. Como fazer, então, para unir palavra e música? Este artigo, destinado a professores de Artes, Línguas e Educação Musical, pretende abordar a questão por meio de reflexões sobre a presença da palavra na história da música. Alinhavando esse processo, apresenta diversas propostas musicais didáticas, influenciadas pelos educadores musicais da Segunda Geração, aplicáveis às salas de aula da Educação Básica.

Palavras-chave: educação musical; educação básica; som das palavras.

What the words sing?

Abstract: *The spoken word is a primary source of sound and music has sound like feedstock. So, how to connect word and music? This paper destined for teachers from Arts, Language and Music Education, intends to talk about this issues through reflections about the presence of the word in the history of music. Linking this process, shows several didactic ideas of music based in music educators by Second Generation applicable in class from the Basic Education.*

Keywords: *music education; basic education; sound of words.*



Falando em alto e bom som...



“Gostaria de poder cantar esta parte, e entoá-la, sussurrá-la e gritá-la. Quero tirá-la de seu sarcófago impresso. Ela precisa ser tocada no instrumento humano”
(Schafer, 2011, p. 196).

A fala de alguém é algo particular e único. Ela é o instrumento que soa em sua cabeça enquanto você lê este texto, mesmo que o faça de forma silenciosa.

Assim como os adultos aprimoram a maneira de cantá-la, entoá-la, sussurrá-la e gritá-la, as crianças também o fazem ao longo dos primeiros anos de vida (Grola, 2006, p.4-8).

A fala é um dos processos iniciais de sistematização do conhecimento da criança e é por meio do contato direto com a língua materna em seu dia a dia que, como em um momento mágico, a criança pronuncia suas primeiras palavras (Grola, 2006, p.2). A fala se faz presente como uma maneira de expressar seus desejos e conhecer o mundo. Daí em diante será um caminho de descobertas.

Ao entrar na escola, a criança é alfabetizada e, nesse processo, aprende a dominar uma linguagem escrita para aquilo que, até então, se expressava por meio da fala. A escrita é um sistema de signos linguísticos que permite à criança transformar uma manifestação sonora em signo visual. A letra é um símbolo que significa um som (Scarpa, 2001, p.6).

Mas como será que o homem começou a criar letras para simbolizar o que falava?

Como todo processo de criação, o homem deve ter explorado sua fala e a utilizado até que percebeu ser necessário guardar seus conhecimentos adquiridos. Daí registrá-los.

Eventualmente, por princípio de semelhança de sons, o homem tenha percebido a possibilidade de grafar essas sonoridades parecidas, criando assim, o seu sistema de fonemas. Tal símbolo gráfico – letra ou junção de letras – representa tal som. Dessa forma, as palavras foram sendo formadas. Isso pode explicar porque povos de lugares diferentes têm maneiras diversas de significar e registrar seus sons e palavras.

Diz ainda a narrativa bíblica de Gênesis que, anteriormente à destruição da Torre de Babel, os povos falavam a mesma língua, mas, para impedir a pretensão do homem de chegar ao céu, Deus confundiu suas línguas, criando maneiras diferentes de significar os sons.



Para saber mais

Veja o vídeo **“A História da Palavra – O Nascimento da Escrita”** no Canal Rede Catarinense, no YouTube.

Mas o que isso tem a ver com música?

Muito!

A fala, assim como a música, nada mais é do que uma forma de expressão. O que as diferencia é que a fala, funcionalmente, fez-se um som como sentido e a música um som como som (Schafer, 2011, p. 227).

A música, assim como a fala, possui seu sistema de símbolos que permite transformar o som em registro visual. Analogamente, para a fala, as letras; para a música, as notas musicais.

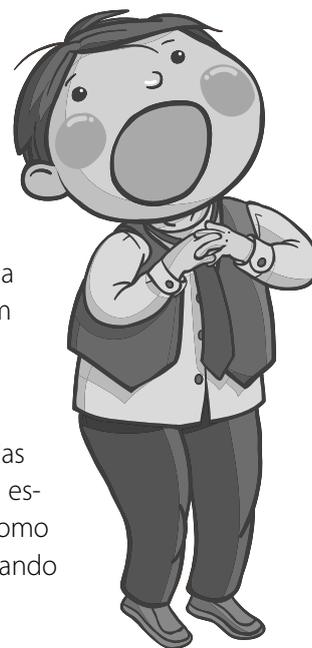
Da mesma forma como existem palavras, existem temas musicais. Assim como há a junção de palavras que dão origem a frases, há a ligação e desenvolvimento de temas ou conjunto de notas formando frases musicais. Frases se conectam e geram textos, frases musicais se complementam, criando músicas completas. Da mesma maneira que existem pontos, vírgulas, sinais de exclamação e interrogação, também existem pausas e sinais de expressão em música.

A fala, inicialmente, surgiu da exploração dos sons vocais para transmitir uma informação. A música surgiu da exploração de objetos que produzem som e também da voz. Do mesmo modo que a fala precisa de uma organização para ser entendida, a música também precisa ter uma estrutura para fazer-se entender. Caso contrário, todos os sons espalhados pelo mundo seriam música.

Entretanto, todos os sons do mundo, quando ORGANIZADOS com uma intenção musical, podem transformar-se em música. Sendo assim, o som emitido pelas letras e palavras poderia ser matéria prima para a música?

Sim!

Mas, para que isso aconteça, é preciso perceber duas características das palavras. Aquela que a permite transmitir um significado: quando falo ou escrevo maçã, todos imaginam uma fruta. E aquela que a identifica apenas como um som: a palavra maçã, destituída de seu significado, é apenas um som quando pronunciada.



TRANSFORME SEU NOME EM OBJETO SONORO!

“Tome seu próprio nome. Repita-o muitas vezes, até que, gradualmente, ele perca sua identidade. Embale o sentido dele para que durma, hipnotize-o até que não mais lhe pertença. Agora que ele é apenas um belo objeto sonoro pendurado à sua frente, examine-o totalmente com os ouvidos” (Schafer, 2011, p.197).



Dessa forma, qualquer palavra pode ser um objeto sonoro e, nesse sentido, fala e escrita são, respectivamente, fonte sonora e registro sonoro. Sendo assim, como fazê-las fala e escrita musicais?

Com a palavra, a música!

O que apresentamos a seguir é uma série de jogos com palavras, de maneira a explorar, organizar e registrar seus sons. Tais atividades são sugeridas buscando aproximar a linguagem musical da fala e da escrita de palavras. Em sua grande maioria, foram pensadas para alunos alfabetizados, podendo ser adaptadas para crianças que ainda não sabem ler.

Mas, antes de tudo, cabe perguntar:

De onde surgiu essa ideia de usar a palavra para pensar em música?



VOCÊ SABIA?

Para os povos primitivos, a fala se confundia com a música, tanto que o falar era mais flexível e com variações coloridas entre graves e agudos.

Uma atividade simples, que pode demonstrar que ainda temos essa capacidade dos povos aborígenes, é ler um pequeno texto como se ele fosse uma canção. Invente sua própria melodia! Experimente cantar o próximo parágrafo!

“Na Grécia Antiga, as histórias das peças de teatro eram contadas por meio do canto das palavras”.

Conseguiu? O parágrafo é bem sugestivo para essa experiência, já que conta sobre o primórdio das histórias cantadas.

Na Idade Média, a velocidade e ritmo dos cantos feitos pelos monges eram conduzidos pelas palavras e suas sílabas.



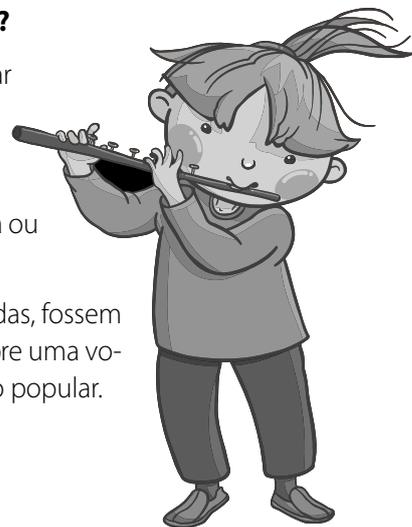
Ouçã como era esse canto, conhecido como cantochão.

Assista ao vídeo “Gregorian chant – Summe trinitati”, no Canal *Callixtinus*, no YouTube.

Já pensou se pudéssemos fazer nosso próprio “cantochão”?

Escreva ou escolha um texto, religioso ou não. Para não precisar criar uma melodia, deixe que a própria palavra, por meio das suas vogais, forneça essa informação. Para cada vogal que aparecer no texto, cante as seguintes notas: A = Dó; E = Ré; I = Mi; O = Sol; U = Lá¹. A duração de cada nota pode ser dada pela pronúncia mais curta ou longa de cada sílaba.

Do período medieval em diante, as palavras sempre foram cantadas, fossem pelos trovadores, fossem em notas musicais variadas, executadas sobre uma vogal – os chamados melismas – ou nas óperas, nos lieder² e na canção popular.



1) Essas notas podem ser tocadas em algum instrumento musical antes de serem cantadas. Atualmente, instrumentos musicais, como o piano, podem ser encontrados em aplicativos para celulares, facilitando esse processo.

2) Palavra em alemão que significa canção. É um termo usado para classificar músicas compostas para piano e cantor solo, geralmente com letra em alemão.

Exemplo de criação de "cantoção" Tiago Teixeira Ferreira

In - do e vin - do tre - vas e luz,
tu - do é gra - ça for - ça da luz!

Que tal cantar o seu próprio nome? Crie gráficos que possam representar variações sonoras para cada sílaba do seu nome.

Como você cantaria o nome abaixo? Solte sua imaginação!

CA-----Í-----QUE-----

Exemplo de nome sonorizado. (Tiago Teixeira Ferreira, 2014)

Você pode fazer uma composição juntando, em sequência, os gráficos sonoros nominais de todos os alunos. Gravar a execução vocal de cada aluno para que eles ouçam posteriormente é uma forma de apreciação e avaliação dos resultados.

CA-----Í-----QUE-----

FA-----BI-----A-----NO-----

JO-----JÉ-----

Trecho de composição com nomes. (Tiago Teixeira Ferreira, 2014)

Sem dúvida que as palavras, seus sons e as possibilidades de seu uso são inesgotáveis. Foi nesse caminho que, no início do Século XX, acompanhando as tendências de seu tempo, os compositores e músicos resolveram pensar em uma nova maneira de tratar os sons que constituíam a música.

Nessa época, percebeu-se que qualquer som, e não apenas o das notas musicais, poderia ser utilizado para fazer música. Desta forma, muitos educadores musicais da segunda metade do Século XX, os chamados educadores musicais da Segunda Geração, entre outras fontes sonoras, passaram a utilizar o som produzido pelas palavras para criar música.

Um deles foi o compositor e educador canadense Raymond Murray Schafer, que dedicou o capítulo *Quando as palavras cantam*, de seu livro *O ouvido pensante* (2011), para tratar dos sons das palavras. Nele, apresenta uma série de atividades e jogos com palavras e sons, passando, desde a exploração das sonoridades das sílabas e letras, até o registro das músicas produzidas a partir das palavras.

Um dos exemplos que ele dá é o do poema sonoro, em que os alunos têm apenas que ler um poema em voz alta:



“Algumas vezes, cubro o quadro negro de expressões, como as que aparecem na ilustração a seguir, e peço a classe que as execute à medida que são apontadas. Com dois ou três regentes apontando para as várias expressões, e dividindo-se a classe em grupos, as complexidades de som vocal que podem resultar são inesgotáveis” (Schafer, 2011, p. 222).



Exemplo de possibilidades sonoras para leitura do poema (Schafer, 2011, p.222)



Dica: Trilha Sonora!

O desenho sugerido pelo autor pode ser transformado em uma “trilha sonora”. Para tanto, basta transcrevê-lo no chão da sala de aula, permitindo que os alunos andem por cima dele como em uma trilha, variando a maneira de ler o poema conforme passem pelas palavras *suspiro*, *risos*, *murmúrio*, *uivos*, *grito*, *solução*, etc. Dessa forma, a dimensão da espacialidade é acrescentada à atividade sonora musical.

Um livro com interessantes poemas para realizar essa tarefa é o *Ciranda das letras: a poética do alfabeto*, de Noemi Nascimento Ansay.

Veja este, criado com base na letra P:

PARAFERNÁLIA

*“Paradoxo na poesia,
dos paralelos planetários,
dos pirilampos na praia,
do pianista que partiu,
da palidez do pinheiro,
da panaceia para os pesares,
das pétalas para os pêsames,
da paranoia por palavras,
da pausa na partitura”*

(Ansay, 2013, p.51).



Nessa atividade, aparentemente não musical, busca-se desenvolver as texturas e timbres sonoros, pois ao aplicar expressões como *susurros, assovios, risos e gritos*, no momento da leitura do poema, produzem-se inflexões na voz falada, inflexões estas, que proporcionam cores variadas aos sons das palavras. Ademais, ao separar esses timbres sonoros em grupos pela sala, produz-se um efeito de sons diferentes acontecendo ao mesmo tempo. Esse recurso é muito utilizado em música, como por exemplo, quando instrumentos musicais com sons diferentes ou vozes de um coral são emitidos simultaneamente.

Assim, partindo da leitura de um texto de forma simples e divertida, observamos como é possível vivenciar e aprender sobre diversos conteúdos musicais.

Outro educador musical que apresenta um caminho didático para explorar elementos musicais presentes em um texto é o inglês John Paynter. Em seu livro *Hear and Now* (1972), no capítulo *Colourful sounds around us*, o compositor traz a seguinte proposta de atividade:

“Individualmente, cada um da classe deve escolher um parágrafo de um texto qualquer (aproximadamente um minuto de leitura) – jornal, livro, um poema, um problema de matemática, etc., ou escrever seus próprios textos.

A classe deve ler alto e simultaneamente seus textos de maneira normal.

As propriedades básicas agora devem ser aplicadas da seguinte forma:

Duração: Séries de diferentes durações, de um segundo até um minuto, podem ser livremente escolhidas para demonstrar isso. O começo e o fim devem ser indicados por gestos apropriados de regência.

Velocidade/Articulação: Essas podem variar da mais rápida maneira de ler até a mais lenta pronúncia de cada palavra.

Volume/Intensidade: Pode variar entre o quase inaudível sussurro e o grito.

Altura: Pode variar entre a mais aguda e mais grave nota da extensão vocal e pode, em um estágio posterior, ser associada mais especificamente com as vozes masculinas e femininas, respectivamente” (Paynter, 1972, p. 32, tradução nossa).



Com esse jogo de leituras variadas, o professor e os alunos exploram diversos elementos musicais, podendo surgir muitas outras maneiras de abordar as propriedades sonoras.

Experimente colocar o silêncio nessa leitura musical. Peça aos alunos para que façam a divisão silábica das palavras e leiam apenas a primeira sílaba de cada palavra, sustentando, em silêncio, a duração das demais sílabas. Dessa maneira, a leitura se torna segmentada e a dimensão do silêncio é inserida. Isso também pode ser feito lendo apenas as palavras monossílabas. O efeito será semelhante.

Que tal ler apenas as palavras que tenham letras explosivas como B, C, D, P e T, criando qualidades de timbre para seu texto? Ou usar as palavras que contenham os nasais M, N e NH? O raspado R? Os sibilantes S, SS e Ç.

Você pode pedir aos alunos que criem padrões rítmicos para a leitura do texto. Para isso, basta variar a velocidade da pronúncia das sílabas das palavras: ora mais curtas, ora mais longas.

Vários exemplos das estruturas apresentadas anteriormente neste texto, estão presentes no repertório de músicos e compositores brasileiros.

CURIOSIDADE!

Hermeto Pascoal, músico, compositor e multi-instrumentista alagoano, por exemplo, criou um termo chamado som da aura e o explica:



“Aos 7 anos de idade descobri que a nossa fala é o nosso canto. O mais natural de todos, pois cada fala é uma melodia. Eu costumava dizer para minha mãe que ela e suas amigas estavam cantando quando conversavam, mas ela dizia: _Deixe disso, menino! Você está ficando louco?” (Disponível em: <http://www.hermetopascoal.com.br/musicas.asp>).

Em seu álbum, *Festa dos Deuses*, Hermeto traz um exemplo dessa música construída por meio da fala, musicando o poema *Três coisas*, recitado por Mário Lago.



Ouçá a música (Três Coisas – Hermeto Pascoal & Grupo), do CD *Festa dos Deuses*, no Canal *Música Livre de Hermeto Pascoal*, no YouTube.

Outro compositor brasileiro criador de obras que usam a palavra e suas inflexões e variações, sejam da fala ou rítmicas, demonstrando a grande possibilidade fornecida pela palavra ligada à música, foi Osvaldo Lacerda.

Veja como o compositor cria repetições sobre o tema do provérbio português “*Pato e parente só serve pra sujar a casa da gente*”. Observe ainda as variações na entonação da voz.



Assista ao vídeo “Fuga Proverbial – Coral Juvenil EMMSP”, no Canal de *Izac Ciszevski*, no YouTube.

Osvaldo Lacerda utilizou o mesmo processo com o provérbio “*Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer!*”. Veja o trecho inicial da partitura:



Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer.

Trecho da obra *Provérbios*
Oswaldo Lacerda

♩ = 108 (Com humor e bem ritmado) T = Salientar bem o Tema; Marcado 4

SOPRANO

CONTRALTO

TENOR

BAIXO

(sem entoar, falando "fino")

(sem entoar, falando "grosso")

Quem tu do quer sa ber, me xe ri co quer fa zer. Fa zer.

mf *mf* *p*

8

(sem entoar, falando "grosso")

Quem tu do quer sa ber, me xe ri co quer fa zer. Fa zer.

me xe ri co quer fa zer quer fa zer fa zer fa zer quer fa zer quer fa

PARA OUVIR E VER!

Assista ao vídeo do Coro Sinfônico da FAMES, cantando *Quem tudo quer saber, mexerico quer fazer*, no Canal Faculdade de Música do Espírito Santo – Fames, no YouTube.

Veja também o Coro da Osesp, executando *Beba Coca-cola* (1969), de Gilberto Mendes, no Canal bercoesplendido, no YouTube.



Uma boa maneira de explorar essa ideia é tentar criar com seus alunos uma composição sobre um provérbio. Existem alguns bem conhecidos no Brasil.

“Em boca fechada não entra mosquito.”

Oriente seus alunos a pensarem nas palavras que aparecem no provérbio para criar uma ambientação sonora. Como seria recitar o provérbio com a boca fechada? O som nasal produzido quando a boca está fechada – boca *chiusa* – não faz lembrar o barulho do mosquito? Esse som seria agudo ou grave?



A obra foi escrita em 1970 e editada pelo Banco de Partituras de Música Brasileira da ABM, em 1999.

“Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.”

Será que a escolha da líquida sílaba “gua” e da aquosa letra “l” nas palavras iniciais deste verso foram ao acaso? E os agressivos e intrépidos “p” e “d” de pedra e dura? O que dizer do golpe produzido pela letra “b” em bate? E o “f” de fricção pontiaguda de fura? Como seriam os sons produzidos pela água em suas diversas fontes? No rio, no mar, nas gotas da chuva, evaporando? E gotejando sobre uma pedra?

Nessa atividade, diversos aspectos musicais são abordados, desde a exploração de sons vocais para a sonorização dos provérbios, até estrutura musical, criação musical e questões de divisão rítmica, esta última apresentada de maneira simples por meio da utilização da fala ritmada.

Experimente explorar ao máximo as possibilidades dessas letras e palavras. Depois, você pode dividir seus alunos em dois grupos, ensinar as vozes da música *Duo para Provérbios Brasileiros* e, posteriormente, juntá-las.

Duo para Provérbios Brasileiros Divertido Tiago Teixeira Ferreira (2014)

The musical score is written for two voices (Voz 1 and Voz 2) in 4/4 time. It consists of five systems of music with lyrics in Portuguese. The score includes various musical notations such as dynamics (mf, p, f), articulation (Marcado, Entoando, Interrogar, Incisivo), and phrasing. The lyrics are: "Em bo-ca fe-cha-da não en-tra mos-qui-to! Em bo-ca fe-cha-da não en-tra mos-qui-to! Á-gua mo-le em pe-dra du-ra tan-to ba-te a-té que fu-ra! Á-gua mo-le em pe-dra du-ra tan-to ba-te a-té que fu-ra! Bo-cal Mos-qui-to! Bo-cal Mos-qui-to! Bo-qui-to fe-chen-tra! - Á-gua! Em pe-dra-du-ra! Ba-te! A-té que fu-ra! Ba-te pe-dra mo-le tan-to á-gua a-té que fu-ra? Ba-te pe-dra mo-le tan-to á-gua a-té que fu-ra? Mo-lu-ra pe-drá - gua! Bo-ca no mos-qui-to fe-cha en-tra, bo-ca em? Em bo-cal Fe-cha-da! Não en-tra! Mos-qui-to! Mo-lu-ra pe-drá - gua! Á-gua! Pe-dra! Ba-te! Fu-ra!"

A explosão de possibilidades que surge quando se juntam os ingredientes mágicos, PALAVRA e MÚSICA, é infinita! Como disse o compositor Luciano Berio sobre suas obras *A-Ronne e Cries of London* para oito vozes:

“A voz, do ruído mais insolente ao canto mais refinado, significa sempre alguma coisa, remete sempre para algo diferente dela e cria uma gama muito vasta de associações [...]” (Berio, 1976, apud Sergl, 2006).



Crie também suas associações e pergunte sempre:

“O que as palavras CONTAM?”

ou seria

“O que as palavras CANTAM?”



LEITURAS COMPLEMENTARES!

BELLOCHIO, C. R. Minha voz, tua voz: falando e cantando na sala de aula. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, setembro de 2011.

SCHMELING, A.; TEIXEIRA, L. Explorando possibilidades vocais: da fala ao canto. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 2, n. 2, setembro de 2010.

BUENO, M. *A origem curiosa das palavras e/ou dos significados*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. 259p.



REFERÊNCIAS

ANSAY, N. N. *Ciranda das letras: a poética do alfabeto*. Curitiba: Ed. do autor, 2013. 74 p.

GROLA, E. *Material didático desenvolvido para o Curso Letras – LIBRAS (UFSC)*. 2006. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/egrolla/files/-1/17317/Aquisicao+de+linguagem.pdf>>. Acesso em 29 de Abril de 2014.

PAYNTER, J. Colourful sounds around us. In: _____. *Hear and now: an introduction to modern music in schools*. London: Universal, 1972. p. 24-24.

SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <<http://www.ronaldomartins.pro.br/psicolinguistica/Scarpa.pdf>>. Acesso em 29 de Abril de 2014.

SCHAFER, R. M. Quando as palavras cantam. In: _____. *O ouvido pensante*. Tradução de Marisa Trench de O. Fonterrada et al. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 195-262.

SERGL, M. J. Voz e performance na música de Luciano Berio. In: ENCONTRO DE MÚSICA E MÍDIA, 2, 2006, Santos. *Verbalidades, musicalidades: temas, tramas e trânsitos*. Santos: Realejo Livros e Edições, 2006. p. 1-27. Disponível em: <<http://musimid.mus.br/>>. Acesso em 29 de Abril de 2014.